

Construtivismo e aprendizagem: uma reflexão sobre o trabalho docente

Merita Paixão de Freitas Gregorio ¹

Patrícia da Silva Pereira ²

Resumo: Esse artigo apresenta o construtivismo, debatendo como o aluno se depara com a responsabilidade de construir seu próprio conhecimento e como o professor procede para se adaptar a essa nova concepção no ato de ensinar. Além disso, analisa se a problemática existente entre educadores e educando é uma adaptação ao método. Desse modo o estudo pauta-se em análise bibliográfica de autores que alicerçam a teoria construtivista. Conclui-se a necessidade de comprometimento por parte dos envolvidos, para uma educação de qualidade e a preocupação sobre as teorias e os métodos de ensino, sobre o quê e como ensinar. Com o construtivismo o aluno deixa de ser um mero expectador, para ser um sujeito do seu próprio conhecimento, e o educador torna-se o mediador e não um simples reproduzidor de ideias e práticas.

Palavras-chaves: Aprendizagem. Construtivismo. Reflexão. Professor. Ensino.

¹ Pós graduação em Especialização em Educação Infantil e Alfabetização pelo Centro Universitário Claretiano de Batatais - SP. E-mail: <meritapfg@terra.com.br>.

² Mestre em Educação Escolar pela UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Docente no Centro Universitário Claretiano. E-mail: <sppatricia@yahoo.com.br>.

1. INTRODUÇÃO

A expectativa deste trabalho é debater a relação que existe entre o trabalho docente e o construtivismo, se a problemática existente entre educadores e educandos é uma adaptação ao método, resistência do educador ou talvez algum problema com relação ao próprio método. Por isso, pesquisa-se sobre os problemas e dificuldades de educadores e educandos diante do construtivismo no processo da aprendizagem, assim como compreender o fato de que professores, alunos e pais são partes integrantes nesse contexto da aprendizagem e para tanto devem ser inseridos nessa nova metodologia de ensino.

Desta forma, os objetivos específicos deste artigo são entender o real papel do professor diante do construtivismo e esclarecer os motivos que levam os profissionais da educação a questionarem a teoria do construtivismo. Sua resistência seria a falta de formação a respeito do estudo dessa teoria? Seria a falta de motivação? A resistência à mudança? O medo do novo? O enfrentamento às novas formas de desenvolver saberes? A metodologia para desenvolvimento do trabalho consiste na análise de autores que desenvolveram pesquisas sobre a temática do estudo. A pesquisa qualitativa será a utilizada por considerar mais adequada para a realização deste trabalho em que o diálogo com os teóricos será realizado com a intenção de sanar a problematização levantada.

No primeiro item aborda-se o que é o construtivismo segundo alguns teóricos importantes no estudo do método; no segundo apresenta-se a problemática: ensinar/aprender e, por fim, no terceiro apresenta-se uma reflexão sobre o papel do docente e do discente no processo do ensino/aprendizagem.

2. CONHECENDO O CONSTRUTIVISMO

Aprendizagem de acordo com o dicionário “Aurélio” (FERREIRA, 2009, p. 132) é a ação de aprender; aprendizado, tempo durante o qual se aprende e aprender é adquirir conhecimento, ficar sabendo, instruir-se. Dentro do método tradicional de ensino o professor é detentor de todo conhecimento e o ato de ensinar não passa apenas de transferência de um conhecimento já adquirido; o aluno atua como mero expectador desse monólogo egoísta e só lhe resta decorar mecanicamente o que lhe foi transmitido a fim de usá-lo no momento certo e logo após ser esquecido. Rousseau (ROUSSEAU, 1762, p. 65) refere-se ao prazer em aprender independente do método utilizado quando diz: “Tem-se grande trabalho em procurar os melhores métodos para ensinar [...]. O mais seguro de todos eles, de que sempre se esquece, é o desejo de aprender. Dê a ele esse desejo e abandone dados e tudo mais, e qualquer método será bom”.

A nova concepção de ensino-aprendizagem, o chamado construtivismo, é a chave para despertar esse desejo de aprender. É um método estudado por muitas pessoas, tais como, Piaget, Vygotsky, Paulo Freire, Emília Ferreira, dentre outros, que defende que o aluno é responsável pela construção do seu conhecimento, que é ele quem determina quando, como e o que aprender de forma singular, respeitando seu tempo e seu potencial. Nesse processo o aluno atua como ator principal da aquisição do seu conhecimento, se apropria do que aprende, no momento certo, utilizando e ampliando todo seu potencial com esforço e ritmo próprio e professor nesse processo atua como ator coadjuvante, de forma a facilitar as etapas evolutivas dessa construção.

Para Fernando Becker (1994, p. 88):

Construtivismo significa isto: a ideia de que nada, a rigor, está pronto, acabado, e de que, especificamente, o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado. Ele se constitui pela interação do indivíduo com o meio físico e social, com o simbolismo

humano, com o mundo das relações sociais; e se constitui por força de sua ação e não por qualquer dotação prévia, na bagagem hereditária ou no meio, de tal modo que podemos afirmar que antes da ação não há psiquismo nem consciência e, muito menos, pensamento.

Segundo o mesmo autor o construtivismo na educação reúne várias tendências do pensamento educacional, como a insatisfação ao método tradicional que insiste em repetir, recitar, aprender, ensinar o que está pronto, ao invés de fazer o aluno construir a partir de sua realidade, poder agir, operar, criar e construir. Nesse contexto o autor ainda diz:

A Educação deve ser um processo de construção de conhecimento ao qual ocorrem, em condição de complementaridade, por um lado, os alunos e professores e, por outro, os problemas sociais atuais e o conhecimento já construído (‘acervo cultural da Humanidade’). Construtivismo, segundo pensamos, é esta forma de conceber o conhecimento: sua gênese e seu desenvolvimento – e, por consequência, um novo modo de ver o universo, a vida e o mundo das relações sociais (BECKER, 1994, p. 88).

Os estudos sobre a Teoria Construtivista começaram com Piaget (1896-1980). Segundo Piaget, o conhecimento resulta de uma inter-relação entre o sujeito que conhece e o objeto a ser conhecido. Seguindo essa inter-relação Piaget (*apud* BECKER, 2009, p.88) diz: “[...] quando alguém se interessa pelo que faz, é capaz de empreender esforços até o limite de sua resistência física”. Em seus escritos diz ainda: “[...] o sujeito humano é um projeto a ser construído; o objeto é, também, um projeto a ser construído [...] eles se constituem mutuamente, na interação” (2009, p.89).

Sendo assim, construtivismo não é um método e sim uma ideia, uma teoria de como o conhecimento ou o movimento do pensamento interpreta o mundo em que vivemos, e que a aprendizagem só tem sentido na medida em que coincide com o conhecimento desenvolvido, portanto, o conhecimento se dá pela interação do indivíduo com o meio em que se

encontra, com a relação que se tem com o ambiente e as pessoas com as quais nos relacionamos. Ainda na concepção de Fernando Becker(1994, p.90) o conhecimento é:

[...] uma construção. O sujeito age, espontaneamente - isto é, independentemente do ensino mas não independentemente dos estímulos sociais-, com os esquemas ou estruturas que já tem, sobre o meio físico ou social. Retira (abstração) deste meio o que é do seu interesse. Em seguida, reconstrói (reflexão) o que já tem, por força dos elementos novos que acaba de abstrair. Temos, então, a síntese dinâmica da ação e da abstração, do fazer e do compreender, da teoria e da prática.

Segundo Piaget (*apud* BECKER, 2009), o aluno é um sujeito ativo com dupla ação: assimiladora e acomodadora. Na ação assimiladora ele produz transformações no mundo objetivo, enquanto na acomodadora produz transformações em si mesmo, portanto, assimilação e acomodação são duas ações que se complementam.

No construtivismo o aluno é o ator principal no processo da aprendizagem, é ele que constrói e reconstrói seus conhecimentos numa reflexão individual e na interação com seus iguais, pois através da sua comunicação constrói o pensamento e conseqüentemente sua inteligência. Por meio do desenvolvimento de sua mente ele organiza uma atividade através da linguagem, da escrita ou qualquer outro meio de comunicação. Para Rosa (*apud* AIRAS, 1996, p. 13):

A pedagogia construtivista é uma proposta democrática [...] o professor age como “instigador” da aprendizagem, combinado disciplina e rotina num ambiente de relativa liberdade para as crianças, valores esses fundamentais para a satisfação (do “desejo”) de educadores e educandos para o sucesso da aprendizagem [...]

Os educadores têm a ação somente de orientador na sala de aula e o aluno como agente a da sua própria aprendizagem.

A professora Rosa (*apud* ARIAS, José, 1996, p. 14) em seu livro

“Construtivismo e Mudança” (1995) avaliou alguns equívocos a respeito da prática construtivista. O primeiro equívoco se refere sobre a crença de que o construtivismo é método; segundo ela construtivismo é um paradigma teórico e que tem implicações metodológicas e como qualquer método possuem coesões teórico-explicativas. O segundo equívoco corresponde à opinião de que a teoria na prática é outra, argumentando a impossibilidade de se trabalhar nesse método com classes numerosas, sobre a incompatibilidade entre disciplina e liberdade das crianças, classes heterogêneas e que tal método exclui correção de erros das crianças. Em defesa do método ela contesta: sobre as salas superlotadas, diz ser um problema político e que isso não pode impedir a liberdade da criança na sala de aula, que não existe homogeneidade total e que a unanimidade é inibidora da dúvida e, conseqüentemente, do desenvolvimento; com relação ao erro, não é na correção do erro o problema e sim na abordagem que a professora faz para que a criança perceba seu erro. A partir daí é que se propõe um aperfeiçoamento didático continuado para os professores a fim de concretizar a teoria construtivista reavaliando as melhores aplicações de sua experiência prática.

A contribuição que o construtivismo trouxe para a aprendizagem é que o aluno passou de ser um mero expectador, a um sujeito do seu próprio conhecimento, no qual o conhecimento vai se construindo sozinho aos poucos, através de um questionamento a ser abordado e elucidado, esse passa a ter “*significância*” na criação de conhecimentos e assim constituir-se num sujeito comprometido com a capacidade de adquirir conhecimento. O aprendizado deve ser interiorizado no seu subconsciente de forma a não ser esquecido, deve ser construído em etapas e ao final do processo se tem um conhecimento em bases sólidas e que nunca será esquecido. O que não se entende, e só decoramos, esquece-se facilmente, pois o cérebro não consegue associar o que se decorou a nenhum fato ou condição para guardá-lo em sua memória. Por que não esquecemos vários acontecimentos de nossa infância e fatos recentes esquecemos? Não seria porque esses acontecimentos nos trouxeram prazer, satisfação e felicidade? Então, o nosso aprendizado deve ser também prazeroso, nos trazer satisfação e

felicidade. Para não ser esquecida a aquisição de conhecimento deve proporcionar prazer emocional, intelectual e social, deve ser um estímulo a nossa autoestima, pois o conhecimento não é algo que se conclui, se acaba, quanto mais se tem mais se quer ter, o conhecimento é sempre uma obra inacabada.

A psicóloga Emilia Ferreiro pesquisou o processo intelectual pelo qual as crianças aprendem a ler e a escrever, batizando sua teoria de construtivismo.

Para Vygotsky, o adulto (educador) é mecanismo mediador para o desenvolvimento psíquico da criança que ocorre primeiro no âmbito social para depois no individual, sendo nessa relação que ocorre todo desenvolvimento intelectual, emocional, afetivo. Segundo o autor a própria interação social da escola promove o desenvolvimento potencial dos educandos, pois o ambiente proporciona o contato com o outro em estado de desenvolvimento variado, esse aprender algo com a ajuda de alguém é chamado por ele como ZDP (zona de desenvolvimento proximal). É aprender algo novo com a ajuda de alguém. Cabe ao educador considerar essa possibilidade e planejar atividades de modo a promover o desenvolvimento integral dos educandos. (MAGNA, 2009, p. 38)

Emília Ferreiro também investigou os processos de aprendizado da leitura e da escrita entre crianças na faixa de 4 a 6 anos da Teoria de Piaget e constatou que a criança aprende segundo sua própria lógica e não do jeito que são ensinadas. Sua teoria abriu incentivos para novas propostas sobre alfabetização. Pensando nessa lógica infantil Emília Ferreiro (*apud* BECKER, 2009, p. 92) diz: “[...] a minha contribuição foi encontrar uma explicação segundo a qual, por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa.”

3. PROBLEMA DE ENSINAGEM OU APRENDIZAGEM

Polity (2002, p. 37), em seu livro “Dificuldade de ensinagem. Que história é essa...?” reúne vários contextos: o das crianças que não aprendem

dem, o dos professores que não conseguem ensinar e o dos pais que se sentem impotentes vendo que seus filhos não conseguem sucesso na escola, assim, define o que seria dificuldade de ensinagem “[...] é o movimento de ensinar carregado de emoção: ansiedade por ter de cumprir uma missão, medo e/ou frustração por não entender o aluno, fantasias de incompetência [...]”.

A autora propõe possibilidades para um trabalho mais satisfatório e bem sucedido junto aos alunos que apresentam dificuldades em aprender. Ela encoraja o professor a mergulhar no seu autoconhecimento e, na sua própria experiência, para incluir na sua ação a sua própria maneira de fazer. Na dialética professor/aluno diz:

Se a história é semente, então nós, os leitores, somos seu solo. O ato de ouvir uma história nos propicia uma transformação interior, que permite vivenciá-la e recriá-la na busca de uma experiência na qual o narrador e ouvinte partilham suas vivências e podem germinar diferentes frutos (POLITY,2002, p. 107).

Na tentativa de entender a dificuldade dos professores em ensinar, dos alunos em aprender e dos pais diante do insucesso dos filhos nos bancos escolares, Polity (2002) aponta um trabalho considerando que o fracasso de quem aprende está relacionado com o fracasso de quem ensina. Em sua pesquisa ela investiga o que chamou de PTRP (Processo de Transformação das Relações Pedagógicas) que propõe um caminho que envolve além dos aspectos intelectuais também os emocionais e um autoconhecimento do professor na sua prática, propondo uma mudança a partir da reflexão de sua própria ação.

A PTRP é um momento em que o professor pode pensar na sua dificuldade de ensinagem criando novas possibilidades para o seu fazer pedagógico.

Nem sempre o fracasso do aluno está relacionado com sua estrutura intelectual e sim ao desenvolvimento da construção do conhecimento do aprendente.

Sobre o construtivismo diz que o conhecimento não pode ser recebido passivamente por nenhum dos sentidos, mas construído ativamente pelo sujeito aprendente. O construtivismo surgiu como uma alternativa para eliminar as perturbações do sujeito passivo (educando) com o sujeito ativo detentor de todo conhecimento (educador).

Grandesso (*apud* POLITY, 2002, p. 51) faz referência a essa construção do conhecimento:

O homem, no enfoque construtivista, é um autônomo, governado pela sua organização estrutural, seu sistema nervoso, seus constructos e sistemas de crenças, seus significados constituídos no convívio com os outros. Assim organizado, esse homem, ao descrever seu mundo, o constrói.

[...] Assim, todo conhecimento é resultado da reflexão e abstração a partir da percepção e dos esquemas de conhecimento anterior, portanto, resultado de uma construção individual.

Sobre o papel do professor diz ANTUNES (2008, p. 02):

Sabe-se da importância do papel do professor na aprendizagem das crianças, pois é através dele que acontece a mediação, ou seja, o professor proporcionará um momento onde suas relações produzirão resultados significativos para a aprendizagem, deixando o ensino mais proveitoso, estimulante e por que não, de fácil compreensão.

O papel do professor nessa rede do saber inclui além da mediação, nesse processo de aprendizagem, inserir a família, que transmite os valores, crenças e orienta o educando nessa relação indissociável (professor/aluno/família) do modelo educacional. É com o professor que o aluno vai dialogar sempre que tiver necessidade, ele será uma referência na sua história. O professor deve ser um observador/participador envolvido no processo ensino aprendizagem.

Com essa interação tem-se uma aprendizagem de forma circular onde o sujeito é visto como um ser interessado em compreender a realidade que o cerca.

Muitos teóricos defendem o construtivismo e referem-se ao fracasso escolar como dificuldade do professor em atuar como mediador, acostumado ao método tradicional, tem dificuldade e muitas vezes resistência ao método. Porém, como muitos outros se referem, o fracasso escolar é devido a deficiências no construtivismo, como a autora da cartilha “Caminho Suave” de Branca Alves de Lima, que trata a alfabetização nos moldes tradicionais, seu método é chamado de “alfabetização pela imagem”. O Ministério da Educação retirou em 1995 a cartilha de seu catálogo dando lugar a uma nova cartilha com base no construtivismo. Apesar disso a cartilha no ano de 2010 entrou no ranking “Educação e Pedagogia” como o livro mais vendido do ano, o que demonstra que apesar das críticas muitos educadores fazem uso ainda do método tradicional. Em uma entrevista LIMA (2010, p. 01) comentou sobre a retirada de sua cartilha pelo MEC:

Eles (o governo, o MEC e o Guia do Livro Didático, o Conselho Nacional de Educação, as secretarias de Educação etc.) estão projetando, quase decretando, que os alunos não usem mais cartilhas. Mas só ao final de várias décadas é que vai se chegar à conclusão se o construtivismo dá ou não resultados.

Se o problema ensino/aprendizagem está ligado ao método ou não, o que realmente importa é que o educando tem o direito a aquisição de conhecimento e a aprendizagem e o educador deve ser uma das vias de acesso a esse conhecimento, é como disse Rosseau não importa o método o que é preciso é resgatar no aluno o desejo de aprender.

4. POR UMA REFLEXÃO DOCENTE E DISCENTE

Diante da problemática entre professores que não conseguem ensinar e alunos que não conseguem aprender, Alarcão (2010, p. 44) considera que a base para resolver essa problemática está no poder de uma escola reflexiva, que considera como sendo uma escola em desenvolvimento e aprendizagem, onde o professor reflexivo caracteriza-se como um ser cria-

tivo, inteligente e flexível diante das incertezas e imprevisões de sua profissão e não como simples reprodutor de ideias e práticas.

Essa mesma autora (2009, p. 144), em seu livro “Escola Reflexiva e Nova Racionalidade” diz:

Diante das rápidas convulsões sociais, a escola precisa abandonar seus modelos mais ou menos estáticos e posicionar-se dinamicamente, aproveitando as sinergias oriundas das interações com a sociedade e com as outras instituições e fomentando em seu seio interações interpessoais. A mudança de que a escola precisa é uma mudança paradigmática. Porém, para mudá-la, é preciso mudar o pensamento sobre ela. É preciso refletir sobre a vida que lá se vive, em uma atitude de diálogo com os problemas e as frustrações, os sucessos e os fracassos, mas também em diálogo com o pensamento, o pensamento próprio e o dos outros. Por analogia com o conceito de professor reflexivo, hoje tão apreciado, desenvolverei o conceito de escola reflexiva e procurarei sugerir que a escola que se pensa e que se avalia em seu projeto educativo é uma organização aprendente que qualifica não apenas os que nela estudam, mas também os que nela ensinam ou apoiam estes ou aqueles.

Pimenta (*apud* ALARCÃO, 2010, p. 43) configura o professor reflexivo no Brasil com o atual panorama político brasileiro que implica na desvalorização da escola e seus profissionais, não levando em consideração que a escola forma cidadãos críticos no mundo, promove igualdade social e que a organização da escola, com trabalho coletivo, boas condições de trabalho, reflexão e estudo, é o local certo para essa transformação, nela (a escola) está o potencial da formação do professor reflexivo. Ele aponta razões para proposta de professores reflexivos no Brasil:

[...] a valorização da escola e de seus profissionais nos processos de democratização da sociedade brasileira; a contribuição do saber escolar na formação da cidadania; sua apropriação como processo de maior igualdade social e inserção crítica no mundo (e daí, que sabe-

res? que escola?); a organização da escola, os currículos, os espaços e os tempos de ensinar e aprender; o projeto político e pedagógico; a democratização interna da escola; o trabalho coletivo; as condições de trabalho e de estudo (reflexão), de planejamento; os salários, a importância dos professores nesse processo [...].

É na escola que se constrói o profissional docente, esse é o local para se criar condições de reflexão individual e coletiva, é na reflexão que o professor constrói conhecimento a partir da consciência sobre sua prática, para atingir esse objetivo é preciso vontade e persistência, é preciso fazer um diálogo consigo próprio e com os outros, para atingir um nível explicativo e crítico que nós permita agir e falar com o poder da razão. O professor deve ser um pensante intelectual capaz de administrar sua própria ação profissional.

É preciso que o professor reflita o novo, estude, aprenda esteja aberto às novas pedagogias. Refletir sobre o novo já é o primeiro passo para o entendimento dessa nova teoria com relação ao ensino-aprendizagem, nessa reflexão todos saem ganhando: o aluno que passa a ter um novo professor, dessa vez mediador no seu processo de aprendizagem, e o próprio professor partindo das primícias de que somos seres em constante mudança, em constante aprendizado. Se não nos propusermos às mudanças nesse mundo em constante modificação ficaremos à margem do conhecimento e, dessa forma, colocaremos os seres que estão em nossas mãos à margem do aprendizado, da sociedade, impedidos de seres atores no palco da vida, numa peça que visa um futuro melhor para o mundo. Nesse contexto vale lembrar a frase de Paulo Freire (2000, p. 67): “A educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tão pouco a sociedade muda”.

A reflexão do docente sobre sua prática educativa deve ser em favor da autonomia dos educandos, pois, “formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de suas destrezas” (FREIRE, 2010, p. 14).

Paulo Freire afirma que o professor não deve ser um mero transmissor de conhecimento, pois, ensinar é muito mais que isso, é incentivar a

produção e a construção autônoma do seu conhecimento, é avaliar que o ato de ensinar está diretamente ligado ao de aprender e vice-versa. Essa ação recíproca é constituída por essa ação:

Quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. Não há docência nem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 2010, p. 23).

O professor deve reforçar a capacidade de crítica do aluno, como também, produzir uma curiosidade crescente, ensinar a pensar certo como um ser crítico e curioso. Como aprendente o aluno deve: “Assumir-se como ser social e histórico, com ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar”. (FREIRE, 2010, p. 41).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante o que foi debatido ficou claro que há preocupação quanto ao que ensinar e como ensinar; o que aprender e como aprender. Muitos estudiosos discutem teorias e métodos de ensino tais como o construtivismo. Alguns teóricos possuem muitos argumentos para defendê-lo, outros tantos para condená-lo. O professor diante desse confronto reflete, pensa, muda e tenta se adequar à nova metodologia.

Esses estudos funcionam como um remédio novo, só uma ampla investigação poderá dizer se é eficaz e revelar quais seus efeitos colaterais, aí sim, esse método poderá ter um crédito verdadeiro ou um grande lamento, se não for eficaz. O resultado de tudo isso: ou o aluno ganha na sua aprendizagem e o professor na sua ensinagem ou irão se criar métodos, técnicas, procedimentos para se reparar o erro com relação à aprendizagem.

Porém, constata-se que a relação professor/aluno não deve ser como uma brincadeira de cabo de guerra, de um lado o professor tentando en-

sinar e do outro o aluno tentando aprender. Ora, nessa relação não pode existir confronto, um culpando o outro pelo seu fracasso, os dois devem estar do mesmo lado, unindo forças para um objetivo comum: o crescimento intelectual, social e emocional que todo ser humano pretende atingir. O professor não detém todo conhecimento, continua a aprender sempre e o “aprender” o ajuda a ensinar; o aluno não está só aprendendo, ele possui conhecimentos que pode “ensinar”, essa relação é uma via de mão dupla com benefício mútuo, a procura de atingir um benefício em que todos ganham: o ensinante, o aprendiz, a família e toda sociedade em si.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Escola reflexiva e nova racionalidade**. 01.ed. Porto Alegre : ArT-med, 2001.

_____. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 7. ed. São Paulo : Cortez , 2010.

ANTUNES, Simone Fraga Freitas. **O Papel do professor e as dificuldades de ensinagem**. Disponível em: <http://www.gestaouniversitaria.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=638:o-papel-do-professor-e-as-dificuldades-de-ensinagem&catid=133:171&Itemid=21> Acesso em: 21 set. 2011.

ARAÚJO, Felipe. **Cartilha caminho suave**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/pedagogia/cartilha-caminho-suave/>>. Acesso em: 21 set. 2011.

ARIAS, José O. Cardentey ; YERA, Armando Pérez . **O que é a pedagogia construtivista?** Disponível em:<http://ie.ufmt.br/revista/userfiles/file/n08/8_O_fazer_pedagogico.pdf> Acesso em: 30 ago. 2011.

BECKER, Fernando. **O que é o construtivismo**. Disponível em:<http://www.crma-riocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_20_p087-093_c.pdf> Acesso em: 30 ago. 2011.

_____. **Afinal, o que é o construtivismo.** Disponível em: <<http://espacoeducar-liza.blogspot.com/2009/02/afinal-o-que-e-construtivismo.html>> Acesso em: 29 mai. 2011.

_____. **O que é construtivismo?** Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/dea_a.php?t=011> Acesso em: 29 mai. 2011.

BREGUNCI, Maria. **50 questões sobre construtivismo.** Disponível em: <<http://www.ufpa.br/eduquim/construtquestoes.htm>> Acesso em: 29 mai. 2011.

FERRARI, Marcio. **Pedagogia Paulo Freire.** Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/paulo-freire-300776.shtml?page=page1Paulo>> Acesso em: 29 mai. 2011.

FERREIRA, Aurélio. **Mini Aurélio: O dicionário da língua portuguesa.** 7. ed. Curitiba : Positivo, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** 01.ed. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa .** 42. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

GRANDESSO, Marilene. **Dificuldade de ensinagem: Que história é essa...?.** Resenha disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v21n64/v21n64a11.pdf>>. Acesso em: 29 mai. 2011.

MAGNA, Joseli. **Apostila Centro Universitário Claretiano: fundamentos teóricos para pratica na educação infantil.** Versão 6. Batatais, 2009.

POLITY, Elizabeth. **Dificuldade de ensinagem: que história é essa...?.** 01. ed. São Paulo: Vetor,2002.

Title: Constructivism and learning: a reflection on the teaching

Author: Merita Paixão de Freitas Gregorio; Patrícia da Silva Pereira.

ABSTRACT: This article presents constructivism, discussing how the student is faced with the responsibility to construct their own knowledge and how the teacher proceeds to adapt to this new conception of teaching. It also examines if the issues between educators and learners is an adaptation of method. This study is guided in the literature review author that underpinning the constructivist theory. It was necessary commitment from those involved to a quality education and concern about the theories and methods of teaching about what and how to teach. In the Constructivism the student is not a mere spectator but a subject of their own knowledge, and the teacher becomes the facilitator and not a single player of ideas and practices.

Keywords: Learning. Constructivism. Reflection. Teacher. Ensino.